

5

ANAIIS LEIRIENSES

estudos & documentos



ANAIIS LEIRIENSES

estudos & documentos

5

MARÇO DE 2020

 Hora de ler



Título: ANAIS LEIRIENSES – estudos & documentos – 5

Editor: Carlos Fernandes

Coordenador Científico: Saul António Gomes

(Professor Associado com Agregação do Departamento de História, Arqueologia e Artes da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra)

Conselho Consultivo: Cristina Nobre, Isabel Xavier, J. Pedro Tavares, João Bonifácio Serra, João Pedro Bernardes, Luciano Coelho Cristino, Mário Rui Simões Rodrigues, Miguel Portela, Pedro Redol e Ricardo Charters d’Azevedo

Concepção e arranjo da capa: Gonçalo Fernandes

Colecção: ANAIS LEIRIENSES – 5



© Hora de Ler, Unipessoal Lda.

Urbanização Vale da Cabrita

Rua Dr. Arnaldo Cardoso e Cunha, 37 - r/c Esq.

2410-270 LEIRIA - PORTUGAL

e-mail: horadelercf@gmail.com

Telef.: 244212003 - Tlm: 966739440

Facebook: https://www.facebook.com/Hora-de-Ler-2263586547021316/?modal=admin_todo_tour

Revisão e coordenação editorial: Hora de ler

Montagem e concepção gráfica: Hora de ler

Impressão: Artípol - www.artipol.net

1.^a edição: Março 2020

Edição 1029/20

Depósito Legal: 454238/19

ISSN: 2184-4135

Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em vigor.

Afonso Lopes Vieira: a sementeira para a infância e juventude – textos esquecidos

Cristina Nobre*

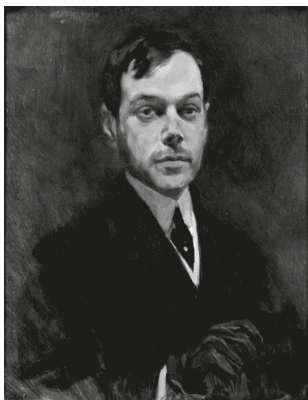
Em 4 de Fevereiro de 1912, em *A Capital*, aparecia um longo, interessante e polémico artigo de Afonso Lopes Vieira [ALV], intitulado “As nossas creanças”, acompanhado da reprodução de um desenho inédito de Raul Lino [RL] com um projeto de escola primária. A escrita do artigo parece, em larga medida, ter sido induzida pela tristeza resultante da inconclusiva visita de cortesia feita por ALV e RL ao presidente da República de então, Manuel de Arriaga, para lhe oferecerem um exemplar dos *Animais Nossos Amigos* [ANA], publicado no Natal do ano anterior, e para o convencerem a implementar a construção de escolas primárias segundo o modelo tradicionalista e regionalista que o desenho de RL permitiria concretizar.

Virgínia de Castro e Almeida escreve uma “Chronica Literaria” em que, julgamos, se refere a esta desilusão como uma motivação para e um desencadear do programa virado para a vertente educativa das crianças:

Imagino que esse artigo [“As nossas creanças”?] foi dictado pela reacção do seu espirito depois da grande tristeza causada pelo que, a pouco e pouco, lhe pareceu o desabar de um sonho... § [...] Perdeu a fé nos que dirigem os nossos destinos e voltou-se, todo fremente, para o futuro. § [...] § E o poeta (cuja patria era o mundo e cuja bem-amada era a Natureza) renuncia de repente aos seus extasis em frente do infinito e curva-se cheio de solicitude e de amor para as creanças da sua terra. (Almeida, [1912]: R, I: f. 90v.)

A uma fase de euforia construtiva, ALV reagia criticamente, incomodado com a distância a que o implemento de medidas concretas para a educação nacional ficava do ideal — a ‘crença profunda’ demonstrada nas crianças, *unicos cidadãos immaculados* da terra portuguesa.

* Professora Coordenadora de Literatura Portuguesa no IPL.



Retrato de Afonso Lopes Vieira, por
Columbano Bordalo Pinheiro, 1910

Vale a pena recordar as quatro teses em que o pensamento de ALV se vai expandir — embora o autor soubesse que corriam o *risco de parecer dogmáticas e pedantes* [art. cit.] — sobretudo por tudo aquilo que nelas transparece de diálogo ininterrompido com o queixume de Eça de Queirós na bastante conhecida *Carta de Inglaterra* dedicada à “Literatura de Natal”. Nesse texto, Eça de Queirós dava-se conta da ausência de uma literatura dedicada à infância em Portugal e do pouco cuidado dispensado no nosso país às questões educativas relativas à infância¹.

Leiam-se as teses de ALV como uma tentativa de resposta às feridas apontadas pelo atento Eça no final do séc. XIX:

1.º — As creanças portuguesas, possuindo uma intelligencia vivissima e uma aptidão brilhante, auctorisam-nos a esperar os mais brilhantes resultados — desde que dediquemos a mais carinhosa attenção ao problema da sua educação. Urgia, para isso, que uma larga iniciativa particular despontasse, e que o Estado se não empenhasse em a desanimar. Não nos preocupemos, pois, com os adultos. Para não perdermos tempo!

2.º — Criar-se-hia uma divida especial, destinada á educação infantil (comprehendendo instrucção primaria, maternidades, jardins de infancia, etc.), com inscripção á parte no orçamento. Inutilizar-se-iam todas as escolas do Estado, e construir-se-iam, empregando os materiaes proprios de cada re-

¹ O texto de Eça é sobejamente conhecido, mas talvez valha a pena recordá-lo nos pontos que mais diretamente nos interessam: “[...] A França possui também uma literatura tão rica e útil como a de Inglaterra; mas essa Portugal não a importa: livros para completar a mobília, sim; para educar o espírito, não. § A Bélgica, a Holanda, a Alemanha, prodigalizam estes livros para crianças; na Dinamarca, na Suécia, eles são uma glória da literatura e uma das riquezas do mercado. § Em Portugal nada. § Eu às vezes pergunto a mim mesmo o que é que em Portugal lêem as pobres crianças. Creio que se lhes dá Filinto Elisio, Garção, ou outro qualquer desses mazorros sensaborões, quando os infelizes mostram inclinação pela leitura. § Isto é tanto mais atroz quanto a criança portuguesa é excessivamente viva, inteligente e imaginativa. Em geral, nós outros os portugueses só começamos a ser idiotas — quando chegamos à idade da razão. Em pequenos temos todos uma pontinha de génio: e estou certo que se existisse uma literatura infantil como a da Suécia ou da Holanda, para citar só países tão pequenos como o nosso, erguer-se-ia consideravelmente entre nós o nível intelectual.[...]” (Queirós, sd.: 526).

gião, outras tantas e muitas mais escolas do tão lindo typo indicado na gravura, desenho inedito, original do architecto Raul Lino. Construidas, seria preciso decoral-as, florindo-as e pondo nas suas paredes, em vez de mappas gordurosos, pendurados nos pregos ferrugentos, a alegria dos chromos e dos frizos, preparando assim as gerações futuras para a maior alegria que um bom latino pode gosar, — a admiração, — e para que venham a tratar com menos selvageria do que seus maiores as paisagens e as coisas bellas da sua grey.

3.º — Importar-se-hiam dos paizes mais cultos professores idoneos para nos ensinarem a risonha disciplina que nos falta, e a precisão dos seus methods, que desconhecemos.

4.º — Criar-se-hia um partido pedagogico ou *infantilista*, — o que mais razão de existência viria a ter, — e seria o d'aquelles cujos habitos de independencia espirital lhes não permitem que militem n'outro, — o d'aquelles que nas creanças confiam, para ellas trabalham e d'ellas esperam; o partido dos que preferem mil vezes a historia das amoras a tantas outras historias, por equal phantasistas, — mas muito menos graciosas.” [art. cit.].

ALV aparece nestas duras palavras como um crítico atento ao seu próprio tempo, pois não se fica pelo simples lamento de uma situação deplorável em termos educativos, mas procura indicar alguns caminhos pragmáticos de intervenção — entre os quais o da irónica proposta da criação de um partido *infantilista* pode ser vista como uma reacção construtiva à proliferação estéril das agremiações políticas durante a I.ª República — que permitiriam uma regeneração do sistema educativo e, com ele, um “desabrochar da *alma moderna* que nos falta” [art. cit.].

Em 1916, ALV não tinha ainda desistido destes intentos e escreve uma carta ao Presidente da Sociedade dos Estudos Pedagógicos, submetendo-lhe um projeto de decoração de Escolas primárias portuguesas, de inspiração *nacional e regional*, que procurava ao mesmo tempo enaltecer a Pátria e glorificar as indústrias tradicionais e domésticas. Numa visão estética da sala de aula, preconizava uma decoração em que se empregassem os produtos e objetos característicos das indústrias regionais, o que, além de criar um ambiente propício, transformaria as escolas em *museus populares*, afirmativos de uma paisagem específica e do carácter das gentes que a povoavam.

Agostinho de Campos escrevia uma crónica para o *Comércio do Porto*, em 5 de julho de 1916, intitulada “Escola e Região”, em que dava conta da importância deste projeto de ALV e das realizações concretas que teve, numa

clara demonstração da exequibilidade de alguns dos seus intentos educativos:

[...] Para dar corpo ao pensamento do poeta, vai realizar-se dentro de pouco em Lisboa uma exposição de algumas aulas, ornamentadas segundo o modelo que elle concebeu e alvitrou. § E muito bom seria que esta iniciativa fructificasse amplamente por todo o paiz, não só para embelezar as aulas e educar as creanças, mas para nos aproximar de um objectivo de maior alcance nacional, como era decerto o ressurgimento e o aperfeiçoamento de tantas manifestações de arte popular expontanea, que se tem desprezado ou perdido, e até a criação de novas fórmas, da actividade esthetica do povo, de accôrdo com os recursos da natureza regional. [...] § [...] o nosso ensino primario ou technico, burocratisado e centralisado pelo absolutismo sufocante em que temos vivido, e continuamos a viver, é incapaz de reanimar a vida local que elle proprio abafou, e assim vai adiando para nunca mais a organização da verdadeira escola do povo: a que chega a Realidade partindo da Região, em vez de attingir apenas o Orçamento pela via do Terreiro do Paço. (Campos, 1916: R, I: f. 117v.)

Para que o sentimento da *unidade nacional* não fosse descurado, sugeria uma visualização simbólica do cânone da portugalidade (recriado durante grande parte da sua produção escrita), naquilo que podemos ler como uma emblematologia da poética de ALV:

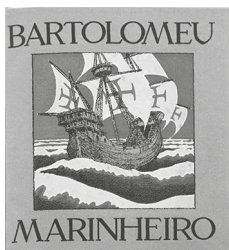
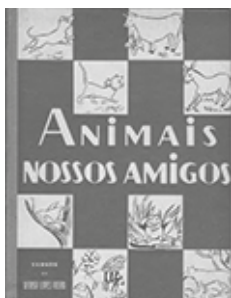
Em todas as aulas se afixará um painel de azulejo com a imagem de Camões, encimada pelas Armas de Portugal. § Emmolduradas segundo um modelo estabelecido, serão dependuradas na parede as gravuras dos Painéis de São Vicente. Sôbre a mesa do professor, colocar-se-hão uma ou duas reduções de esculturas de Soares dos Reis. Na realização dêste projecto ouvir-se-hão os directores dos museus provinciais. A Sociedade de Estudos Pedagógicos deverá organizar em Lisboa uma exposição de três modelos da decoração projectada: — tipo de campo ou planície, de serra e marítimo. [DG: 288].

Para ficarem devidamente enquadradas, as teses e as propostas de ALV, bem como as dos seus companheiros de geração, devem relacionar-se não apenas com as referidas e mordazes críticas de Eça de Queirós, mas com todo um programa de índole educativa e reformista, protagonizado pela anterior geração literária, de que são modelos exemplares Garrett, Herculano, Antero de Quental e Castilho, cada um à sua maneira conscientes da impor-

tância básica da educação na consolidação de um regime progressista e verdadeiramente democrático. Simplificando, podemos dizer que os habitava uma fervorosa crença na possibilidade de regeneração operada pela educação, e todos eles dissertam sobre temas educativos e acabam por subordinar “toda a sua produção literária a uma elevada missão cívica de pedagogia literária e social, reconhecida e louvada pelos seus contemporâneos, que os consideram como mestres que lhes inculcam lições exemplares.” (Ferro, 1984: 639).

É à procura dessa esperança ou promessa dum Portugal outro, diferente do descaracterizado e desnacionalizado mundo adulto, que ALV se posiciona apaixonadamente perante uma nova demanda, desta feita por amor das crianças portuguesas. Como ele, outros autores de renome da época participam na coleção da *Biblioteca das Crianças*, organizada por Marques Júnior, e publicada entre 1898 e 1919: Sousa Viterbo, D. Carolina Michaëlis, Teófilo Braga, Albino Forjaz de Sampaio, Júlio Brandão, D. João de Castro, Gomes Leal. Ester de Lemos, num estudo pioneiro sobre a literatura infantil em Portugal, considera este período fundamental no desenvolvimento e aceitação das produções para crianças como um género autónomo e importante: “[...] Apesar do interesse comercial que já começava a apresentar, a literatura infantil era considerada — e sê-lo-ia por algumas décadas ainda — não como subgénero ou, antes, literatura menor, mas como trabalho de maior projecção e nobreza — uma espécie de cruzada, na qual se honravam de participar os espíritos mais graves e mais cultos. [...]” (Lemos, 1972: 18).

Sobre essa nova cruzada de ALV, a obra escrita consciente e empenhadamente para a infância e juventude, procuraremos delinear um processo de amadurecimento que parte da poesia como música, onde se canta a natureza em geral e a natureza de Portugal (Camões e os Descobrimentos, Gil Vicente, Santo António), para chegar à restituição da força anímica de cavaleiro andante, modelo ideal a fazer frutificar dentro de todos os rapazes portugueses. O processo de escrita envolvido neste bloco do programa de intervenção de ALV evidencia uma linha etária diferenciada de destinatários: começando na mais tenra infância, quando a poesia é ainda a voz cantada da mãe, dos avós, ou dos educadores, para chegar até à mocidade, em busca de referentes e modelos de ação cívica para o futuro: desde *Animais nossos amigos* [ANA] e *Hino a Camões* [HC], de 1911 e *Bartolomeu Marinheiro* [BM], de 1912, passando por *Canto Infantil* [CI], de 1912, dois textos dramáticos, a saber, *Auto da Barca do Inferno* (*Paródia infantil*), que ficou conhecido como



Autozinho da Barca do Inferno, de 1913 (data da primeira representação) e 1917 (quando sai nos jornais da época), e *Serenata Patarata* [SP], destinado ao teatro de fantoches (e de que a BMLALV possui o manuscrito, como já demos conhecimento em Nobre, 2005: pp. 539-543), até uma incursão no cinema com *O Afilhado de Santo António* [ASA] (filme infantil — adaptação de um conto popular português e realização para cinema de ALV (cujo texto/guião não conseguimos encontrar até ao momento no espólio da BML), mas do qual há uma larga notícia e resumo do argumento na revista *Cinéfilo*, 1.º Ano, n.º 1, de 2 de Junho de 1928, pp. 15 a 18.), em 1928, e o *Conto de Amadiz de Portugal para os Rapazes Portugueses* [CAP], com desenhos de Lino António, no Natal de 1938.

O programa de ALV não devia acabar por aqui. Na sequência do êxito com os ANA, ALV e RL chegam a anunciar um outro livro destinado à infância intitulado *Cavaleiros e poetas de Portugal*. Pelo título, podemos imaginar que continuaria numa linha de divulgação dos ilustres heróis da espada e da palavra portuguesas. Sabe-se de um projetado livro *Fernão Mendes no Japão (com ilustrações japonesas)* anunciado, mas nunca publicado (vide Nobre, 2005: 550), e de um livro sobre botânica, *Mar Piqueno* ou *Flores do Mar*, de parceria com Matilde Bensaúde, cujo estado avançado de projeto permitiu a ALV imaginá-lo publicado por alturas da Páscoa de 1916 (vide idem: 550-551). Há notícia de uma *Vida de Nun'Alvares para os pequeninos*, que até hoje não apareceu. cujo projeto deve ter nascido na sequência das cerimónias de trasladação de D. Nuno Álvares Pereira, em que ALV muito se empenhara e que tinha encarado como um momento simbólico de enaltecimento dos heróis pátrios².

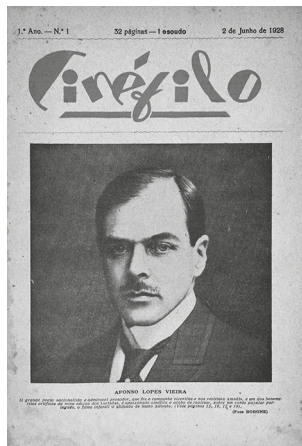
É caso para perguntarmos se as Fábulas — “O Lobo e o Cão”, “A Rã e o Boi”, “A Montanha parindo um Rato” — publicadas na revista mensal de

² Vd. espólio da BML, R, I: fs. 123r. a 125v., onde se encontram vários recortes de jornal da época que permitem seguir a polémica levantada por ALV contra o modo pouco digno que se projetava dar às cerimónias de trasladação, bem como as alternativas por ele propostas.

Philosophia, Sciencia e Arte, *Dionysos*, em maio de 1912, nas pp. 222-6, não poderiam também ser incluídas nesta vertente da obra de ALV, do mesmo modo que as Fábulas de Esopo, de Fedro ou de La Fontaine são hoje quase unanimemente considerados tipos/géneros da literatura para a infância. Entre os vários recortes de jornal do espólio de ALV, encontra-se um que contém 6 fábulas — “A Cigarra e a Formiga”, “Mons Parturiens”, “O Burro Moribundo”, “A Ambiciosa Rã”, “O Cão e a Sombra”, “O Lobo e o Cordeiro” — e ao qual, numa caligrafia que parece ser a de Lopes Vieira, se juntou a data de 1914-16³. Pelo menos a versão aí apresentada de “A Cigarra e a Formiga” é muito semelhante à que aparece no CAP (1938). E em 1935, ao lado de Aquilino Ribeiro, Virgínia Lopes de Mendonça, Olavo de Eça Leal, Acácio de Paiva, Maria Lamas, ALV colaborou com o semanário infantil *O Gaiato*, dirigido com dinamismo e inteligência por Alice Ogando.

No n.º 4 deste semanário aparecem duas reescritas da fábula clássica “A Cigarra e a Formiga” — “Fábula mentirosa” e “Fábula verdadeira”. Leitor de Fabre, naturalista que pela primeira vez se dedicou ao estudo da vida, hábitos e instintos dos insetos, ALV desmonta as ideias feitas sobre a preguiça da cigarra, confrontando-as com as descobertas recentes da ciência e repondo a necessidade e a utilidade dos hábitos e do canto da cigarra, simbolicamente aparentada com a do poeta. A “Fábula mentirosa” utiliza a estratégia dialogal, entre o saber experiente e cauteloso da figura do Avô que interroga o neto, *Joãozinho*, sobre a lição, ajudando-o a perceber as *mentiras* da fábula, numa depressurizada visão da necessida-

³ É muito provável que a carta de Aníbal Soares, datada de 8 de março de 1915, faça referência à oferta de uma dessas fábulas como inédito: “[...] Os meus mil agradecimentos, também, pelo grande favor do seu inédito para o *Nacional*. [...] § É linda a fabula como V. a arranjou. Quão poucos teem como V. o sentimento da sorte que a Natureza contém [...]” [BML, *Cartas* [...], II vol.].



Página 15 da revista *Cinéfilo*, n.º 1

de de aliar o discurso didático ao do conhecimento científico e de destruir os preconceitos educativos tradicionais e as alegorias escondidas:

[...] Joãozinho — Mas porque diz o avô que nesta fábula tudo são mentiras?

Avô — Porque esta fábula foi feita pelos inimigos da Cigarra — êsse poeta — para ensinar a gente a ser Formiga — esse usurário. Mas como quem fez a fábula não conhecia a vida dos insectos tudo o que lá pôs é mentira. [...]. [ALV, 1935: 8].

A “Fábula verdadeira”, com a mesma estrutura dialogal, desta vez entre a *cigarra* e a *formiga*, é uma reescrita da fábula clássica, repondo a verdade da versão apoiada nas descobertas científicas: a formiga é que se serve da cigarra, bebendo na fonte aberta por esta e revelando-se uma ingrata ao abandonar a cigarra ao destino de poeta abandonado até à morte, sem uma palavra de agradecimento. Aqui estará, provavelmente, um outro filão a que ALV deve ter dedicado algum tempo. É perfeitamente plausível considerá-lo mais uma vertente do programa que tinha para crianças e para jovens, quanto mais não seja pelo pendor educativo e moralista, simultaneamente estético e ético, característico do percurso desta figura literária. Nesse sentido, não será de menosprezar que a autoria da nova fábula apareça registada através da reprodução da assinatura manuscrita de ALV. A importância dada ao autógrafo da assinatura, ainda enquanto signo de validação a cujo aspeto visual se confere lugar de honra e de destaque, é sintomática de uma autoridade e de uma valorização que faz do nome do autor a primeira garantia de uma idoneidade educativa reconhecida institucional e socialmente.

Resta saber se o que encontramos, ainda hoje, na obra de ALV para a infância e para a juventude, corresponde ao sentimento de gratidão saudosa por um tempo de formação definitivamente ultrapassado, sentimento frequente entre os mestre- -escola que se serviram destes livros para as várias práticas pedagógicas. Perfeitamente exemplificativa desta perspetiva, é a carta de Adolfo Lima, de 2 de maio de 1943:

[...] Na minha vida de humilde mestre-escola, na preocupação de uma educação estética da Infância, o poeta ALV foi o meu melhor auxílio pelas magníficas poesias que lhe dedicaste e que *sentia* e interpretava com entusiasmo, quer em recitativos de Arte de Dizer, quer em canções. § Sem a menor sombra de lisonja, foste o *Poeta dos pequeninos* que também soubeste falar-lhes à sua sensibilidade e mentalidade. Não houve em Portugal outro poeta

que melhor conhecesse a criancinha. § Se eu tivesse categoria e consideração social, a homenagem, que te promoveria, seria tôda por crianças, que, em romaria, te levariam flores de agradecimento pela obra que lhes consagraste. [...] [BML, *Cartas [...]*, vol. XI].

Como um instrumento essencialmente formativo, ainda mais do que pelo deleite estético proporcionado, o cânone para a infância e juventude produzido por ALV é de uma positividade completa, fornecendo valores e modelos de atuação patrióticos, ecológicos, cívicos, numa palavra, humanos. E, acima de tudo, numa *pura linguagem*, a qualidade máxima que, segundo ALV, salvava até os livros escolares mais retrógrados: “Aqueles cinzentas *Selectas* por onde se lia nas classes de português antes dos livros actuais, tinham a vantagem de, uma vez na vida!, lerem os portugueses uma pouca de pura linguagem. Sempre no fundo das memórias ficaria a límpida recordação de um ritmo — longínquo rumor das asas da astuta cotovia do apólogo...” [DG: 354].

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BIBLIOGRAFIA ATIVA:

VIEIRA, Afonso Lopes, OBRA PARA A INFÂNCIA E JUVENTUDE:

- 1911, [ANA] ANIMAIS NOSSOS AMIGOS, ilustr. de Raul Lino, grav. de P. Marinho, Livr. Ferreira, Lx., (1.^a ed.) — 1920, *Animales Amigos*, trad. de I. Ribera-Rovira e Fernando Maristany, il. de Raúl Lino y Arturo Ballester, ed. Cervantes, Barcelona, (2.^a ed.) — 1931, *Animais Nossos Amigos*. Versos de Afonso Lopes Vieira, ilustrações de Maria de Lourdes, Livr. ed. Portugal-Brasil, Lx., Natal. Nova edição, (3.^a ed.) — [1931], *Animais nossos amigos*, il. de Maria de Lurdes, nova ed. realizada por intervenção do serviço de escolha de livros para as Bibliotecas das Escolas Primárias, sd. (rep. 3.^a ed.) — 1973, *Animais nossos amigos*, il. por Eugénio Silva, Parceria A. M. Pereira, Lx. (4.^a ed.) — 1992, *Animais Nossos Amigos*, Ilustrações de Raul Lino, ed. sg. a 1.^a ed., ed. Livros Cotovia, Lx. (5.^a ed.) — 1997, *Animais Nossos Amigos*, ilustr. de Isabel Favila, col. “Lendas e Contos”, ed. Vega, Lx. (6.^a ed.).
- [1911], [HC] HINO A CAMÕES. *Para as crianças portuguesas*, Lx., sd.
- 1912, [BM] BARTOLOMEU MARINHEIRO, ilustr. de Raul Lino, Lvr. Ferreira, Lx. (1.^a ed.) — 1955, *Bartolomeu Marinheiro*, decorações de João Carlos, nova ed. para as Bibliotecas das Escolas Primárias segundo as emendas definitivas feitas pelo autor sobre a 1.^a ed., Bertrand, Lx. (2.^a ed.) — 1992, *Bartolomeu Marinheiro*, Ilustração de Raul Lino, ed. sg. a 1.^a ed, ed. Livros Cotovia, Lx. (3.^a ed.).
- 1912, [CI] CANTO INFANTIL, mus. de Tomás Borba, il. de Raul Lino, grav. de Th. Bordalo Pinheiro, Tip. ‘A Editora’, Primavera, Lx. (1.^a ed.) — 1916, *Canto Infantil*, mus. de Tomás Borba, ed. de Aillaud, Alves & c^a, Lx., Outono (2.^a ed.) — 1931, *Canto Infantil*, mus. de Tomás Borba, il. de Raul Lino, ‘Biblioteca dos Pequeninós’,

- n.º extraordinário, Páscoa, Empresa Nacional de Publicidade, Lx. (3.ª ed.).
- 1917, [ABII] *AUTO DA BARCA DO INFERNO (PARODIA INFANTIL)*, ilus. de Raul Lino, (representado em casa de Raul Lino, no teatro de suas filhas) in *Diário de Notícias Ilustrado*, n.º 26, Natal de 1917 e *O Comércio do Porto de Natal*, n.º 33, Natal de 1917.
- 1928, [ASA] *O AFILHADO DE SANTO ANTÓNIO*, adaptação de um conto popular português e realização para cinema de A.L.V., (exibido em público pela primeira vez numa festa de caridade no Teatro do Gimnasio, em a noite de 16 de Maio de 1928), notícia e resumo do argumento in *Cinéfilo*, 1.º Ano, n.º 1, 2 de Junho de 1928, pp.15-18.
- 1935, “A Cigarra e a Formiga. Fábula mentirosa. Fábula verdadeira” in *O Gaiato*, n.º 4, semanário infantil, dir Alice Ogando, Lx., [pp. 8-9].
- 1938, [CAP] *O CONTO DE AMADIZ DE PORTUGAL PARA OS RAPAZES PORTUGUESES*, des. de Lino António, Liv. Bertrand, Lx., Natal, [20 + 26,5cm] (1.ª ed.) — [1957] *O Conto de Amadis de Portugal para os Rapazes Portugueses*, des. de Lino António, nova ed. por intervenção do serviço de escolha de livros para as Bibliotecas das Escolas Primárias, Imp. Portugal-Brasil para a Liv. Bertrand, Lx., sd., [20 + 26,5cm] (2.ª ed.) — [1966] *O Conto de Amadis de Portugal para os Rapazes Portugueses*, des. de Lino António, Liv. Bertrand, Lx., sd., in 8.º (3.ª ed.).
- 1973, *AMADIS DE GAULA* in 15 Epopeias de Cavalaria, [textos de Afonso Lopes Vieira e Dielette], ed. Verbo, [Lx.], 1973.

BIBLIOGRAFIA PASSIVA:

- ALMEIDA**, Virgínia de Castro e, “Chronica literaria”, sl., sd., [1912]. [R, l: f. 90v.]
- CAMPOS**, Agostinho de, (1916) “Escola e Região” in *Comercio do Porto*, 5 de Julho de 1916. [R, l: f. 117v.]
- NOBRE**, Cristina, 2005, *Afonso Lopes Vieira. A reescrita de Portugal*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, vol. I.
- VIEIRA**, Afonso Lopes, 1912, “As nossas creanças” in *A Capital*, n.º 544, 2.º ano, 4 de Fevereiro.
- _____, 1912, “Proteger os Pequeninos” in *O Século*, 10 de Fevereiro.
- _____, 1912, *FABULAS: “O LOBO E O CÃO”, “A RAN E O BOI”, “A MONTANHA PARINDO UM RATO”* in *Dionysos*. Rev. Men. de Philosophia, Sciencia e Arte, S. 1ª, n.º 4, Maio, ed. França & Amado, Coimbra, pp. 222-6.
- _____, 1916, *Carta à Sociedade de Estudos Pedagógicos*, sobre a “Decoração das Escolas Portuguesas”, Boletim da S. E. P., Lx., Abril.
- _____, 1922, [DG] *EM DEMANDA DO GRAAL*, Soc. ed. Portugal-Brasil, Lx.
- _____, 1923, *PALAVRAS e A MONTANHA QUE DÁ Á LUZ UM RATO (FABULA)* in *Horas Serenas. Album Litterario e Artistico. Gentilmente collaborado por Escriptores e Artistas Portuguezes*, Imprensa dos Caminhos de Ferro do Estado, Lx., p. de abertura e p. 47.
- _____, 1978, 2 *FÁBULAS QUASE INÉDITAS: A RÃ E O BOI; A MONTANHA PARINDO UM RATO* in *A Rua*, 26 de janeiro de 1978.